

rém 14 animais (64%) não mais apresentaram dor, seis animais (27%) apresentaram dor leve, um animal (4,5%) dor moderada e um animal (4,5%) permaneceu com dor severa. (Gráfico 1). Nos animais em que a denervação pareceu ser técnica eficiente, observou-se remissão total da dor ou diminuição significativa desta, proporcionando melhora da qualidade de vida sem a necessidade do uso de medicações analgésicas. Além disso, foram constatados ganho de massa muscular e melhora da marcha e apurmos. Os proprietários destes cães afirmaram que seus animais tornaram-se mais ativos, sem claudicação e nem dificuldade para se levantar, queixas freqüentes antes da cirurgia. Sem necessitar de materiais sofisticados para ser realizada, a técnica de denervação articular coxofemoral no cão é pouco invasiva e proporcionou rápida recuperação do paciente. Até o presente momento, a técnica parece poder ser aplicada para alívio da dor em cães de qualquer idade e com qualquer grau de displasia, desde que tenham condições anestésicas favoráveis. Há, na literatura mundial, publicações referentes a apenas um estudo sobre denervação em cães displásicos. Kinzel et al. acompanharam os animais operados por até 10 anos, sem relatos de complicações graves ou de reinervação posterior à denervação. Em nosso estudo alguns casos já foram acompanhados por um ano, e apresentaram resultados igualmente positivos. Com a denervação, as alterações mecânicas e anatômicas da displasia e artrose coxofemoral, bem como sua evolução, permanecem intactas, no entanto os pacientes operados ficaram bastante confortáveis, com discreta ou nenhuma dor, a despeito do grau de alteração articular presente.

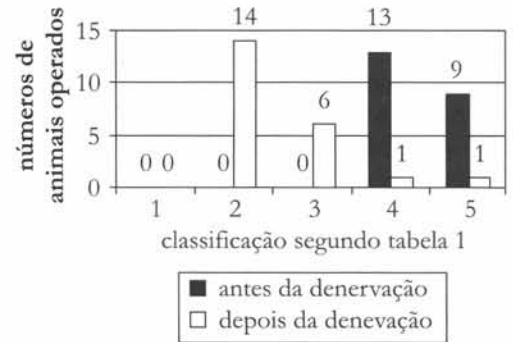


Gráfico 1. classificação dos animais operados (segundo tabela 1) antes e após a denervação.

Biocompatibilidade do silicone polidimetilsiloxano industrial no tecido subcutâneo em cães (*Canis familiares* – Linnaeus, 1758)

Eurides, D.¹;
Beletti, M.E.²;
Lima, T.B.F.³;
Silva, L.A.F.⁴;
Daleck, C.R.⁴;
Fioravanti, M.C.S.⁴;
Carneiro e Silva, F.O.¹

1- Faculdade de Medicina Veterinária - Universidade Federal de Uberlândia – MG
2- Instituto de Ciências Biomédicas - Universidade Federal de Uberlândia – MG
3- Escola de Veterinária - Universidade Federal de Goiás – GO
4- Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - Universidade Estadual Paulista - Campus de Jaboticabal – SP

O silicone polidimetilsiloxano, pastoso, de utilização industrial, foi moldado em segmentos cerca de 0,5 X 2,0 X 2,0cm e mantidos ao meio ambiente durante 48 horas, para volatilização do ácido acético. Decorrido este período foram mantidos em estufa a 100°C, durante 20 minutos. Para verificar a biocompatibilidade do polidimetilsiloxano, foram utilizados 12 cães, machos e fêmeas, sem raça definida, com idade de dois a quatro anos. Os animais foram anestesiados com uma associação de quetamina (10mg/kg, IM) e xilazina (12mg/kg, IM), submetidos a tricotomia da região da face externa da orelha e da escápula esquerda e anti-sepsia local com solução iodada a 10%. Em cada dessas regiões foi praticada uma incisão de pele cerca de 0,5cm, para implante no subcutâneo do segmento do silicone. A pele foi aproximada com pontos simples separados com fio mononáilon 2-0. No pós-

operatório (PO) os animais foram submetidos à administração diária de penicilina (40.000 UI/kg, IM) até completar três aplicações e curativos tópicos com polivinilpirrolidona. Os pontos de sutura de pele foram removidos decorridos 10 dias do implante. A partir do 7º dia de PO, diariamente e durante 30 dias, foram avaliadas a dureza, maleabilidade e a estabilidade do implante. Após este período as próteses foram removidas com coleta de fragmentos de tecidos que envolviam o silicone para estudos em microscopia de luz. Os tecidos foram preservados em solução de formoldeído a 10% e as amostras incluídas em parafina, cortadas em micrótomo em cortes de 1,0 micra, fixadas e coradas pela hematoxilina e eosina. Não foram notadas alterações locais e os implantes mantiveram fixados aos tecidos circunvizinhos e aparentemente mantiveram a mesma rigidez e maleabilidade. Na avaliação macroscópica dos tecidos que envolviam a prótese se apresentavam de superfície lisa e de coloração esbranquiçada. Ao exame histológico notou-se reação fibrosa, com presença de fibras colágenas, células mononucleares, linfócitos, plasmócitos, histiócitos, poucos polimorfonucleares e grande quantidade de fibroblastos, com formação de uma fina camada de tecido conjuntivo fibroso aderido à prótese. A cápsula formada foi celular, com aderência de fibroblastos e fibras colágenas de aspecto firme devido possivelmente às características físicas e químicas do implante. Como não foi verificada destruição celular, possivelmente o período de exposição do silicone foi suficiente para volatilização do ácido acético. O polidimetilsiloxano industrial é biocompatível quando implantado no tecido subcutâneo de cães.

Contribuição ao estudo da rinoscopia na avaliação da aspergilose nasal no cão

Yoshitoshi, F.N.¹;
Silva, L.C.L.C.¹

1- Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – Universidade de São Paulo – SP

A micose nasal é causa relativamente comum de rinite e sinusite no cão, mas ocorre com menos frequência no gato. *Aspergillus fumigatus* é o fungo mais comumente detectado nos casos de rinomicose canina. A aspergilose é, primariamente, uma infecção do cão dolicocefálico jovem ou de meia-idade. Não há predileção sexual, mas Tasker et al. identificaram três casos de aspergilose nasal, todos machos e com corrimento nasal unilateral dentre 42 casos de doença persistente nasal. As raças braquicefálicas raramente, ou nunca, são afetadas. Em contraste com a neoplasia endonasal, na micose nasal não ocorre distorção facial. Invariavelmente, está presente corrimento mucopurulento uni ou bilateral e traços de sangue ou franca hemorragia, confirmando a natureza destrutiva da infecção. Geralmente, a produção intensa de corrimento purulento caracteriza a aspergilose, podendo haver ulceração nas narinas externas decorrente do corrimento purulento. A cultura da biópsia nasal pode identificar o *Aspergillus sp.* O uso de endoscópio rígido ou flexível, tem-se mostrado de grande valor, identificando colônias em forma de placas de “geléia de fungos” na mucosa conchal, permitindo, também, a escolha do local da coleta do material para biópsia, objetivando o cultivo do microorganismo. Foram utilizados neste estudo 38 cães atendidos no Hospital Veterinário com sinais clínicos e alterações radiográficas compatíveis com afecção nasal crônica. Em todos os cães, antes de proceder o exame de rinoscopia, foram realizados hemograma com contagem plaquetária, exame radiográfico de crânio e tórax. Os animais foram anestesiados seguindo os protocolos de rotina do Serviço de Anestesia. Antes da introdução do endoscópio, foi inspecionado o focinho observando-se presença e tipo de secreção nasal, úlcera, deformidade facial e fistula. A introdução do endoscópio, feita com cautela para evitar possíveis sangramentos, foi realizada inicialmente em direção antero-posterior e dorso-ventral, a partir do meato nasal comum, avançando para o meato nasal dorsal e meato nasal ventral nas porções